

# Religião e política na trajetória intelectual de Friedrich Engels

*Religion and politics in the intellectual trajectory of Friedrich Engels*

**Wallace Cabral Ribeiro\***

## **Resumo**

Friedrich Engels deixou uma interessante e original contribuição aos estudos dos fenômenos e fatos religiosos em suas dimensões políticas, históricas, sociológicas e filosóficas. Apesar de significativas, do ponto de vista qualitativo ou quantitativo, suas contribuições sobre o tema são desconhecidas e pouco mobilizadas, inclusive no interior do marxismo, que constantemente abrevia o debate sobre o fenômeno religioso à expressão “ópio do povo”. Pensando nesse aspecto, este artigo tem por objetivo identificar e analisar as reflexões de Engels em torno da articulação entre religião e política ao longo de sua trajetória enquanto intelectual e militante socialista. Além de contemplar, paralelamente, alguns aspectos biográficos que nos possibilitem conhecer um pouco mais do autor e sua inserção no debate sobre o fenômeno religioso.

**Palavras-chave:** Religião e política; luta de classes; circunstâncias materiais.

## **Abstract**

*Friedrich Engels left an interesting and original contribution to the studies of religious phenomena and facts in their political, historical, sociological and philosophical dimensions. Although relevant, from a qualitative or quantitative point of view, his contributions on the subject are unknown and little mobilized, even within Marxism, which constantly abbreviates the debate on the religious phenomenon with the expression “opium of the people”. With this in mind, this article aims to identify and analyze Engels' reflections on the articulation between religion and politics throughout his trajectory as an intellectual and socialist activist. Besides contemplating, in parallel, some biographical aspects that allow us to know a little more about the author and his insertion in the debate about the religious phenomenon.*

**Keyword:** Religion and politics; historical materialism; class struggle; alienation.

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), membro do Laboratório de Estudos Socioantropológicos em Política, Arte e Religião (LePar) e do Núcleo de Estudos Friedrich Engels (NEFE).

## Introdução

Friedrich Engels, ao longo de sua trajetória intelectual e política, debruçou-se sobre os mais variados temas e campos de conhecimento, entre eles, podemos mencionar a epidemiologia, a antropologia, as ciências militares, a filosofia, a ecologia, a história, a sociologia da religião, a economia política, a literatura, entre outros. Neste artigo, enfatizaremos as reflexões de Engels em torno da relação entre religião e política desenvolvidas ao longo de sua trajetória enquanto militante e intelectual socialista.

Para Michael Löwy, as reflexões de Engels sobre os fenômenos e fatos religiosos são dotadas de originalidade por ter elaborado “um novo modo de análise da religião, com base no estudo das ligações entre as mudanças econômicas, conflitos de classe e transformações religiosas” (Löwy, 1997, p. 39). Por esse fato, Löwy (2015) compreende que Engels seria mais do que um colaborador da sociologia da religião, mas um dos fundadores deste campo de conhecimento<sup>1</sup>. Apesar de Engels ter contribuído de forma expressiva, do ponto de vista quantitativo e qualitativo, suas reflexões são pouco mobilizadas, inclusive pelos próprios marxistas. De acordo com Elizete da Silva,

A literatura engelsiana sobre a religião é pouco conhecida, o que podemos debitar a uma certa tradição política que dificultou o acesso a estes textos ao reduzir e engessar a contribuição de Marx e Engels aos estudos dos fenômenos do sagrado ao mote “a religião é o ópio do povo” (Silva, 2007, p. 172).

Há uma escassez de trabalhos acadêmicos acerca da dimensão religiosa no pensamento de Engels, e a questão religiosa aparece inúmeras vezes no conjunto de sua obra, desde a juventude até a maturidade etária. Em alguns momentos, suas reflexões sobre religião aparecem em rápidas passagens, em outros, ela surge de forma mais aprofundada e sistematizada. O estudo em tela tem por objetivo identificar e analisar as reflexões de Engels sobre os fenômenos e fatos religiosos abarcando dois diferentes momentos temporais de sua trajetória política e intelectual. O primeiro corte temporal situa-se entre 1839 e 1851 e o segundo, de 1878 a 1895. O espaço de tempo entre 1852 e 1877 não será contemplado nesse trabalho devido a fragmentação da abordagem da questão religiosa nesse período<sup>2</sup>. Para Alcançar os objetivos delimitados, nos debruçaremos diretamente sobre suas obras e recorreremos a seus comentadores, como Michael Löwy, Elizete da Silva, Osvaldo Coggiola e Santiago Roggerone.

Para destrinchar o pensamento de Engels e verificar suas contribuições aos estudos dos fenômenos e fatos religiosos, bem como para embasar os aspectos biográficos levantados ao longo do artigo, nos apoiaremos em três diferentes e importantes biografias, a saber: *Friedrich Engels: uma biografia* (1979), de Gustav Mayer; *Friedrich Engels: biografia* (1986), produzida pelo Instituto de Marxismo-Leninismo do CC-PCUS; e, por último, *Comunista de casaca* (2010), do historiador e jornalista inglês Tristram Hunt.

<sup>1</sup> Apesar de Michael Löwy compreender Friedrich Engels como um sociólogo do fenômeno religioso, o próprio Engels nunca se identificou como tal. O biógrafo Gustav Mayer (1979) ressalta que Engels tinha pouco apreço pelos sociólogos do século XIX, como Auguste Comte, Hebert Spencer e outros, por considerá-los a-dialéticos e metafísicos.

<sup>2</sup> Um dos temas mais abordados sistematicamente por Engels nesse intervalo de tempo foi a questão militar, mas não somente, sua contribuição teórica no referido tema é expressiva e se avoluma em inúmeros artigos, comentários na imprensa, produção de verbetes, além do seu arsenal epistolar.

### Alguns aspectos biográficos

Friedrich Engels nasceu na cidade de Barmen (Província Renana da Prússia), na Alemanha, em 28 de novembro de 1820, e “adormeceu pacificamente para sempre, sem o menor ruído agonizante” (Mayer, 1979, p. 884), no entardecer do dia 5 de agosto de 1895, na cidade de Londres. Seu testamento expressava o desejo de ter seus restos mortais lançados ao mar de Eastborne – lugar que visitava com frequência para descansar. Em 27 de agosto daquele mesmo ano, em “um dia cinzento e chuvoso de outono”, suas cinzas foram arremessadas ao mar (*ibidem*, p. 886). O “General”<sup>3</sup>, como era conhecido entre os amigos, fundou, juntamente com Karl Marx, a teoria marxista, também denominada de socialismo científico, e esta parceria intelectual, política e pessoal durou quase 40 anos, sendo interrompida pelo falecimento de Marx, em 1883.

A obra de Engels é muito extensa e para citar algumas que se destacaram vale à pena mencionar: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1844/1845), *As guerras camponesas na Alemanha* (1850), *O pó e o reno* (1859), *Para a questão da habitação* (1872/1873), *Anti-Dühring* (1878), *A origem da família da propriedade privada e do Estado* (1884), *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (1886); e também em parceria com Marx, como *A sagrada família* (1845), *A ideologia alemã* (1846) e *Manifesto do partido comunista* (1848). Organizou e publicou os tomos II e III d’*O capital*, e devido às suas contribuições, principalmente no livro III, é considerado por alguns pensadores (Lenin, Gorender, Coggiola, Netto, Del Roio e outros) um coautor. Jacob Gorender apresenta alguns detalhes das contribuições de Engels a obra *O capital*:

escreveu por inteiro o capítulo 4 do Livro III, sobre a rotação do capital e sua respectiva influência na taxa de lucro. Escreveu ainda vários prefácios (...) bem como dois suplementos ao Livro III: sobre a lei do valor e formação da taxa média de lucro e sobre a Bolsa (Gorender, 2013, p. 28).

No conturbado período revolucionário e contrarrevolucionário de 1848-1850, Engels colaborou de diversas maneiras com o órgão democrata radical dirigido por Marx, Nova Gazeta Renana (*Neue Rheinische Zeitung*), publicando artigos e atraindo financiadores para o periódico. “O jornal só durou um ano, mas durante esse tempo Engels escreveu mais de uma centena de artigos e correspondências sobre os temas mais diversos” (Instituto de Marxismo-Leninismo CC-PCUS, 1986, p. 143).

Em maio de 1849, Engels pegou em armas, aproveitou a experiência que obteve como artilheiro em Berlim alguns anos antes, e se alistou na milícia revolucionária na cidade de Elberfeld. Lá recrutou operários para um destacamento armado e ficou responsável por administrar as barricadas. Nos meses de junho e julho, integrou o destacamento de insurretos de Baden-Palatinado, e participou de alguns confrontos contra as tropas prussianas.

Anos mais tarde, em um contexto bem diferente, Engels ajudou a fundar a primeira Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), em 1864. Em 1889, colaborou também com a fundação da Segunda Internacional. Engels atuou como conselheiro de

<sup>3</sup> “Esse apelido lhe foi dado por Eleonor [filha de Marx] por causa do seu jornalismo militar” (Hunt, 2010, p. 19). Mas também por sua experiência como militar na artilharia berlinense, em 1841/1842, por lutar nas milícias revolucionárias de Barmen e Palatinado, em 1849, pelo seu porte físico, por praticar atividades desportivas, por ser organizado e autodisciplinado.

muitas organizações socialistas dentro e fora da Europa e mediava a relação entre elas; fornecia ajuda material a refugiados políticos; produziu uma série de análises urgentes sobre a Rússia, China e a questão do campesinato alemão.

Após a morte de Marx, Engels atuou como curador da sua produção teórica. Tornou-se um popularizador do socialismo científico; foi responsável por sistematizar a teoria marxista; além de protagonizar muitas outras ações de caráter político. Foi um militante bastante prático, desde a juventude argumentava que a consciência política deveria ser elaborada diretamente das ações dos seres humanos diante dos problemas que se apresentavam no curso da realidade objetiva. Gustav Mayer afirma que, no pensamento do socialista alemão, “a consciência não nasce da contemplação, mas, ao contrário, da ação” (Mayer, 1979, p. 804).

Em síntese, sua atuação militante se caracterizava por um entrelaçamento de atividade intelectual e ações de cunho mais prático. O resultado da atuação teórico prático de Engels, de forma sistemática e a longo prazo, foi “a vitória ideológica do marxismo no movimento operário internacional” (Instituto de Marxismo-Leninismo CC-PCUS, 1986, p. 08), mais especificamente no movimento socialista internacional no final do século XIX e início do século XX. Além disso, Engels foi o “responsável pelo materialismo histórico adquirir sua primeira fisionomia” (Roggerone, 2013, p. 16).

Seus esforços na sistematização da teoria marxista, na divulgação do socialismo científico, na orientação/educação de organizações proletárias e nas análises político/científicas, fez com que Engels adquirisse prestígio e reconhecimento no meio socialista. O historiador inglês Tristram Hunt afirma que o ponto mais alto desse reconhecimento teria sido a homenagem que recebeu durante um congresso organizado pela II Internacional, em Zurique, no ano de 1893. Mas seu melhor amigo, Marx, já havia reconhecido publicamente as qualidades intelectuais e políticas de Engels enquanto militante socialista ao alegar que este foi “um dos expoentes mais destacados do socialismo moderno” e que sua obra *Esboço de uma crítica da economia política*, de 1844, “traz certos princípios gerais do socialismo científico” (Marx, 2010 [1880], p. 335).

De acordo com Hunt, Engels permaneceu até o fim de sua vida um “arquiteto do socialismo científico (...) agitador, indagador e produtivo” (Hunt, 2010, p. 384). Apesar da origem burguesa e de ter trabalhado, a contragosto, durante 19 anos na fábrica de tecido Ermen & Engels, em Manchester, da qual sua família era sócia, Engels dedicou toda sua vida a lutar politicamente pela classe trabalhadora e pela transformação das estruturas sociais.

### **Engels e a questão político religiosa (1839-1851)**

Ainda muito jovem, Engels começa a refletir sobre as questões políticas e religiosas. No final da década de 1830, obteve uma rica experiência ao investigar e analisar as condições de vida dos operários na cidade de Wuppertal. Em 1839, com apenas 18 anos, publica no periódico *Telagraph für Deutschland*, as *Cartas de Wuppertal*, assinando com o pseudônimo de Friedrich Oswald<sup>4</sup>.

Segundo Hunt, esses textos “eram de uma autenticidade ímpar, uma experiência de testemunha ocular naquela região deprimida, embriagada e desmoralizada”

---

<sup>4</sup> “Para garantir sua segurança financeira e evitar os pais, Engels, com o nome de ‘Oswald’, tinha dado início à sua vida dupla” (Hunt, 2010, p. 47).

(Hunt, 2010, p. 49). “As ‘Letters’ são uma crítica magnífica e brutal dos custos humanos do capitalismo” (*ibidem*, p. 50). Nesses textos, Engels traz uma crítica à religião, no que diz respeito à desconexão entre práticas e discursos adotados por pietistas, o que pode ser verificado nesta passagem:

os fabricantes ricos têm uma consciência flexível, e causar a morte de um filho a mais ou a menos não faz a alma do pietista ir para o inferno, especialmente se ele vai à igreja duas vezes todos os domingos. Pois é fato que entre os donos de fábricas os pietistas são os que tratam pior seus trabalhadores; eles usam todos os meios possíveis para reduzir o salário dos trabalhadores, sob o pretexto de privá-los da oportunidade de ficarem bêbados, mas na eleição dos pregadores, eles são sempre os primeiros a subornarem seu povo (Engels, 2010 [1839], p. 10).

Esses exemplos mencionados por Engels poderiam ser verificados em sua própria casa, uma vez que era proveniente de uma família pietista do ramo da indústria têxtil, proprietária de fábricas na Alemanha e que mais tarde se tornaria coproprietária de outra em Manchester, na Inglaterra. Nesses escritos, encontramos “um repúdio consciente e deliberado da ética que guiava sua família, feito por um jovem revoltado com os custos sociais dos dogmas da Igreja” (Hunt, 2010, p. 51).

No ano de 1839, o jovem alemão estabelece contato com a teologia crítica de David Strauss, impressionado, torna-se imediatamente um straussiano. Em suas correspondências, ressaltava, a seus interlocutores, as interpretações inovadoras de Strauss sobre a literalidade da fé, o caráter sagrado “inequívoco” dos evangelhos e a Bíblia como produto de uma determinada época. A perspectiva crítico-histórico presente na teologia de Strauss apresenta a ideia de que os evangelhos seriam uma historicização do mito de Jesus. “O livro [*A vida de Jesus examinada criticamente*] afirmava que os evangelhos não eram produto da inspiração divina, mas constituíam uma recolha de mitos surgidos no seio das primeiras comunidades cristãs” (Instituto de Marxismo-Leninismo CC-PCUS, 1986, p. 23). De acordo com Michael Heinrich, a obra de David Strauss foi um verdadeiro “divisor de águas”. O livro *A vida de Jesus* “tornou-se o mais importante tema de discussão da década de 1830, representando um corte na teologia do século XIX” (Heinrich, 2018, p. 373).

Inspirado por essas leituras e atento às novas descobertas científicas, Engels atravessa um processo de mudanças. Entre 1839 e 1841, passa por um período de transição do protestantismo pietista para o ateísmo filosófico e subsequentemente para a perspectiva hegeliana. “Os textos de Hegel levariam Engels para o caminho do socialismo”, nesse percurso, “Strauss mostrou ser apenas um degrau de escada” (Hunt, 2010, p. 55).

Essas intensas mudanças espirituais experimentadas pelo jovem Engels podem ser percebidas em uma determinada metáfora que ele elabora sobre um romance de Karl Immermann:

Aquele que tem medo da floresta densa onde se encontra o palácio da Ideia, aquele que não a corta com a espada e não acorda a filha adormecida do rei com um beijo, não é digno dela e de seu reino; ele pode ir embora e se tornar pastor de um país, comerciante, assessor ou qualquer coisa que deseje, casar-se e gerar filhos com toda a piedade e respeitabilidade, mas o século não o reconhecerá como seu filho (Engels, 2010 [1841] a, p. 168).

Trata-se de um jovem alemão primogênito de uma família de nove filhos, que foi retirado do Liceu pelo seu pai para aprender a administrar os empreendimentos empresariais da família. Contudo, os planos do pai, como se sabe, não obtiveram êxito, pois Engels foi o único entre seus irmãos e irmãs a escolher um caminho diferente, uma vez que “os irmãos seguiram o caminho paterno, tendo-se tornado industriais. As irmãs casaram-se com homens do mesmo meio” (Instituto de Marxismo-Leninismo CC-PCUS, 1986, p. 13).

O jovem Engels fez suas próprias escolhas e seguiu um caminho totalmente diferente do que foi traçado por seu pai. Este fato, como explica o próprio Engels a Marx em uma carta de janeiro de 1845, teria despertado o “fanatismo religioso” e “burguês” de seu pai. Nas últimas linhas do texto sobre Immermann (mencionado anteriormente), Engels, como um jovem hegeliano de esquerda, faz uma afirmação que sintetiza seu estado de espírito: “lutemos pela liberdade enquanto formos jovens e cheios de vigor brilhante” (Engels, 2010 [1841] a, p. 169).

O ano de 1841 foi decisivo para Engels, pois no outono, segue para Berlim, onde vai servir na artilharia. Apesar de o alistamento militar ser obrigatório, Engels se alista como voluntário, uma estratégia de adiar seu compromisso com os negócios da família, atividade que considerava “insuportável”, e assim praticar aquilo que mais lhe agradava, estudar filosofia, escrever poemas e praticar esportes (esgrima, natação, equitação, patinação etc.).

Aproveita sua estadia em Berlim para frequentar aulas na condição de ouvinte na Universidade de Berlim. Num primeiro momento, assiste às aulas sobre história da religião com o professor de Ferdinand Benary e participa dos círculos de debates dos jovens hegelianos de esquerda. Posteriormente, frequenta as aulas de Friedrich Schelling, que havia acabado de assumir uma cátedra a convite do rei Frederico Guilherme IV, sua contratação teria sido motivada exatamente pelo fato de Schelling ser um grande opositor do sistema de pensamento de Hegel. Engels afirma que, naquela ocasião, uma batalha “pelo domínio da opinião pública alemã na política e na religião” estava sendo travada na “Universidade, em particular no auditório nº 6, onde Schelling está dando suas palestras sobre a filosofia da revelação” (Engels, 2010 [1841] b, p. 181). Engels entende que era do interesse do rei da Prússia realizar uma cruzada ideológica contra a filosofia hegeliana, precisamente por essa corrente de pensamento não justificar e nem legitimar seu poder no Estado.

Com o objetivo de defender a “filosofia da razão”, de Hegel, e se contrapor à “filosofia da revelação”, de Schelling, Engels produziu três ensaios (publicados anonimamente), a saber: *Schelling em Hegel* (1841), *Schelling e a revelação* (1841/1842) e *Schelling filósofo cristão* (1842). Nesses textos, temos reflexões de Engels sobre a questão religiosa; uma das ideias defendidas pelo jovem alemão, que foi herdada de Feuerbach, é a de que o cristianismo é incompatível com a filosofia, uma vez que sua essência é a autoalienação do indivíduo de si mesmo, ou seja, a negação de si em favor de uma força exterior. De acordo com Gajo Petrovic, para Feuerbach, “o homem não é Deus autoalienado, mas Deus é o homem autoalienado: é apenas a essência abstraída do homem, absolutizada e dele distanciada” (Petrovic, 2012, p. 20). Se orientando por essa linha de raciocínio, Engels compreendia que a concepção ateísta do mundo significava a volta do indivíduo que se perdeu, ou que nunca se encontrou, e, ao mesmo tempo, sua conexão com o mundo material.

Em *A essência do cristianismo* (1841), Feuerbach faz uma releitura do conceito de alienação de Hegel, que foi de suma importância para Engels desenvolver uma série de reflexões sobre a dimensão religiosa. A inversão dialética do conceito de alienação, operada por Feuerbach, forneceu ao jovem Engels elementos teóricos e metodológicos para analisar certos aspectos da vida social, como a alienação do trabalho no modo de produção capitalista<sup>5</sup>.

Na dialética de Hegel, a razão era uma força propulsora que tinha primazia sobre a realidade. Para Feuerbach, era o contrário, a realidade passa a ser uma força normativa sobre a razão. Apesar de Feuerbach ter sido o pensador pós hegeliano mais influente do início dos anos 1840 e o intermediário entre a dialética idealista de Hegel e o materialismo histórico, Engels afirma que, devido ao caráter abstrato das reflexões de Feuerbach, este não forneceu um “guia para ação” (Engels, 1963 [1886]).

De todo modo, Engels, nesse período, está absolutamente comprometido com a filosofia de Hegel e com a nova chave interpretativa materialista de Feuerbach. No ensaio *Schelling e a revelação*, expressa essa dupla influência: “todos os princípios básicos do Cristianismo, e mesmo do que até agora se chamou de religião, caíram diante da crítica inexorável da razão, a ideia absoluta afirma ser a fundadora de uma nova era” (Engels, 2010 [1841/1842], p. 197).

Nessa tríade de ensaios sobre Schelling e sua filosofia da revelação, Engels compreende que Deus seria uma projeção, a “imagem e semelhança” do ser humano, o seu exagero fantástico elevado à máxima potência. Neste sentido, o “ateísmo filosófico” se constituiria como uma posição diante do universo, que teria como resultado prático a valorização do ser humano, através do retorno a si mesmo. Osvaldo Coggiola afirma que Engels, já no primeiro ensaio, esboça “os princípios de uma dialética revolucionária e materialista” (Coggiola, 1995, p. 14) ao entender que a liberdade só é verdadeira quando contém em si mesma a necessidade.

Neste sentido, Engels reafirma a perspectiva hegeliana de que até o momento “toda a filosofia fez questão de compreender o mundo como racional. O que é racional é também necessário, e o que é necessário deve ser, ou pelo menos, tornar-se real. Esta é a ponte para os grandes resultados práticos da filosofia moderna” (Engels, 2010 [1841/1842], p. 200). Mais tarde, na maturidade, Engels vai dizer que essa tese de Hegel atraía o “reconhecimento de governos míopes e a cólera de liberais” (Engels, 1963 [1886], p. 172) e que a filosofia dialética hegeliana:

põe fim a todas as ideias de uma verdade absoluta e definitiva, e a um conseqüente estágio absoluto da humanidade. Diante dela, nada é definitivo, absoluto, sagrado; ela faz ressaltar o que há de transitório em tudo que existe; e só deixa de pé o processo ininterrupto do vir-a-ser e do perecer (*ibidem*, p. 173).

Naquele momento, a crítica à religião era a condição *sine qua non* para crítica da sociedade. De acordo com Engels, “na Alemanha teórica daquela época duas coisas, sobretudo, revestiam-se de caráter prático: a religião e a política” (*ibidem*, p. 176). Os

---

<sup>5</sup> Marx, sob influência de Feuerbach, elabora de forma sistemática uma teoria da alienação nos chamados *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, de 1844. Nesses escritos, a alienação religiosa não possui a mesma centralidade que tem em Feuerbach, a alienação religiosa seria uma das múltiplas formas de alienação.

jovens hegelianos, por meio das “armas filosóficas”, se opunham aos “ortodoxos pietistas e os reacionários feudais”, que obtiveram mais espaço na cena pública com a ascensão de Frederico Guilherme IV ao reino da Prússia em 1840 (Engels, 1963 [1886]). As interpretações de Ludwig Feuerbach sobre a religião e o cristianismo em particular fornecerá ao jovem Engels elementos para que elaborasse sua crítica à religião e à sociedade. Entre as ideias influenciadoras, figuram a percepção de que “a qualidade ou a determinação de Deus nada mais é que a qualidade essencial do próprio homem” (Feuerbach, 2007, p. 50). Deus seria a confissão dos pensamentos mais íntimos do homem, “a proclamação dos seus segredos de amor”, em suma, “Deus” e o “homem” seriam ambos “a mesma coisa” (*ibidem*, p. 44).

Logo após o término do serviço militar, em 1842, seu pai o envia para Inglaterra para se dedicar aos negócios empresariais da família e como uma forma de afastá-lo de suas atividades políticas e intelectuais na Alemanha. Antes de seguir para a cidade de Manchester, Engels visita a sede da Gazeta Renana (*Rheinische Zeitung*), jornal do qual era um colaborador, e lá conhece pessoalmente Marx, editor chefe do periódico. Engels relata que esse foi um “encontro frio” entre eles dois. Tudo indica que Marx teria sido pouco receptivo por entender que Engels ainda estava ligado a “Os Livres”, um grupo de intelectuais hegelianos de esquerda<sup>6</sup>, com o qual Marx já havia rompido e guardava uma antipatia.

Ao chegar à Inglaterra, Engels se envolve imediatamente com o movimento socialista e passa a colaborar assiduamente com os periódicos cartista *The northern star* e *The new moral world*. Participa das reuniões da *Hall of science* e passa, então, a pesquisar de forma mais detida sobre a história política e econômica da Inglaterra. Em 1844, publica o *Esboço de uma crítica da economia política*. Para além de uma análise da economia política, Engels desenvolve brevemente uma reflexão sobre a relação entre religião e economia. O autor entende que existe uma oposição entre católicos e protestantes no que tange as atividades comerciais modernas e pré-modernas. “O sistema mercantil ainda tinha uma certa franqueza católica ingênua e não escondia em nada a natureza imoral do comércio. Vimos como ele exibia abertamente sua avareza mesquinha” (Engels, 2010 [1844], p. 422). Todavia, quando o “Lutero da economia, Adam Smith, criticou a economia do passado, as coisas mudaram consideravelmente” (*ibidem*), este justificou e legitimou o comércio, dando um novo sentido a essa atividade econômica, alegando ser benéfica a toda humanidade, por ser em essência uma fonte de harmonia entre nações e indivíduos. Dessa forma, afirma Engels, “a hipocrisia protestante substituiu a franqueza católica” (*ibidem*).

Na Inglaterra, Engels se interessa pelas condições em que vive o trabalhador inglês e, por conta disso, passa a visitar os bairros operários com o objetivo de aprofundar suas investigações. Esse processo foi facilitado graças ao relacionamento amoroso que tinha com Mary Burns (sua primeira esposa), uma jovem operária irlandesa, socialista, extremamente nacionalista, analfabeta e que teve ao longo da vida problemas com alcoolismo. Sem ela, seria quase impossível para um jovem de origem burguesa conhecer

<sup>6</sup> Engels, antes mesmo de conhecer Marx pessoalmente, já havia feito referência a ele em um poema satírico escrito em parceria com Edgar Bauer por ocasião da demissão de Bruno Bauer da Universidade de Bonn. Nesse poema, Marx é descrito como “o sujeito moreno de Trier”, que possui uma “impetuosidade selvagem” que “vocifera em altos brados” e que “delira com um ar frenético, como se dez mil demônios o segurassem pelos cabelos” (Engels, 2010 [1842], p. 336).

pessoalmente os bairros operários. Essa experiência foi fundamental para que Engels compreendesse com profundidade a miserabilidade em que viviam os trabalhadores e assim descrevê-la com riqueza de detalhes na seminal obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

Na obra supramencionada, também encontramos algumas reflexões sobre o fenômeno religioso, o jovem Engels percebe que os operários, em geral, demonstram um desinteresse pela religião. Contudo, para evitar serem classificados como “infidel (*infidel*) ou ateu (*atheist*)”, os trabalhadores alimentam “um vago deísmo” (Engels, 2010 [1844/1845], p. 163-164). Quando o operário “professa alguma religião, fá-lo formalmente, sem qualquer base teórica; na prática, vive só para este mundo, na qual procura uma existência segura” (Engels, 2010 [1844/1845], p. 163). Em outro momento, afirma que o socialismo, enquanto movimento de emancipação da classe trabalhadora, é “a expressão mais resoluta da irreligiosidade que reina entre os operários, irreligiosidade inconsciente, visto que exclusivamente prática, uma vez que com frequência os operários hesitam em admiti-la” (*ibidem*, p. 271).

Essas reflexões de Engels evidenciam que, apesar de ter rompido com a filosofia de Feuerbach, continua a mobilizá-la para pensar a dimensão religiosa, pelo menos no que tange ao aspecto acima mencionado. Reflexões encontradas na obra *A essência do cristianismo*, como a que segue, nos dão a dimensão dessa influência: “o suposto temor religioso de limitar Deus através de predicados determinados é apenas o desejo irreligioso de nada mais querer saber de Deus, de tirá-lo fora da mente” (Feuerbach, 2007, p. 47). A ideia assinalada por Feuerbach de “ateísmo sutil, matreiro” encontra ressonância na concepção de “vago deísmo” (ateísmo prático) elaborado por Engels.

O jovem Engels entende que, naquele contexto, a religião era uma força que exercia sobre a classe trabalhadora uma influência deletéria. A instrução oferecida pelas instituições religiosas contribuía para o embrutecimento intelectual e pobreza cultural dos trabalhadores. As escolas administradas pelas igrejas ministravam uma educação que saturava “o espírito das crianças com dogmas incompreensíveis e filigranas teológicas”, estimulava precocemente o “ódio sectário e ao fanatismo” e negligenciava “a instrução racional, intelectual e moral” (Engels, 2010 [1844/1845], p. 151).

Engels entende que a necessidade constrangeria os operários “a abandonar[em] uma fé” que eles compreendem cada vez mais que “serve apenas para enfraquecê-los e torná-los mais resignados ante a sua sorte, obedientes e servis à classe proprietária que os dessangra” (*ibidem*, p. 271). Apesar da nítida diferença entre “vago deísmo” e o “ateísmo filosófico”, encontrado na tríade de ensaios sobre Schelling, ambos estão vinculados a uma perspectiva de emancipação e de ruptura da alienação.

Como vimos até o momento, as obras de Engels apresentam embrionariamente reflexões sobre o fenômeno religioso, que preparam o terreno para sua imersão posterior no campo da sociologia da religião. Engels vai se dedicar ao tema da religião até o fim de sua vida, diferentemente de seu parceiro Marx, que deixa de se dedicar de forma sistemática ao tema da religião para mergulhar nos estudos de economia política. Um dos motivos que teria contribuído para isso seria a divisão de trabalho que passou a existir entre os fundadores do materialismo histórico após os levantes revolucionários e contrarrevolucionários de 1848-1850. Nessa divisão, Marx ficou responsável por produzir uma obra de economia política substancial sobre a dinâmica do capitalismo e Engels se ocuparia de temas diversos, urgentes e polêmicos, que necessitassem de uma

análise rápida e de efeito imediato sob a perspectiva do materialismo histórico. A última reflexão aprofundada de Marx sobre o fenômeno religioso teria sido a obra *A ideologia alemã*, escrita em parceria com Engels, em 1846.

Vale ressaltar que, embora Marx, depois da “crítica roedora dos ratos”, não tenha mais se dedicado aos estudos dos fatos religiosos de forma sistemática e aprofundada, as reflexões sobre esse tema sempre estiveram presente em seus escritos de forma fragmentada, em notas de rodapé e em rápidas passagens. De acordo com o filósofo venezuelano Ludovico Silva, a metáfora religiosa ou a religião como metáfora encontra-se em Marx desde os *Manuscritos* de 1844 até o livro IV d’*O capital*. Nessas obras, podemos nos deparar, por exemplo, com as categorias alienação e fetichismo, e com a “curiosa comparação entre Cristo e o dinheiro” (Silva, 2012, p. 67).

Os escritos de juventude de Engels não trazem exclusivamente reflexões sobre a dimensão religiosa, abordam uma gama bastante diversificada de temas. Mesmo direcionando – como já havíamos assinalado –, cada vez mais, seus esforços intelectuais para a economia política, Engels permanece um pensador multidisciplinar; basta observar em *A situação*, onde o autor abarca de forma interconectada questões como economia, política, tecnologia, história, epidemiologia, direito, religião, educação, filosofia, estudos urbanos, mundo do trabalho, relações de gênero, violência, alcoolismo, criminalidade etc. De acordo com Santiago Roggerone, é nas obras produzidas entre 1843 e 1845 que “a concepção materialista da história encontra sua primeira condição de possibilidade” (Roggerone, 2013, p. 15). Um dos elementos embrionários desse método apresentado por Engels, contido no *Esboço*, já apareceria em sua proposta de que “os homens fizessem seu próprio destino e, assim, removessem a contingência e o acaso que mediava as relações sociais” (*ibidem*, p. 23).

A obra *A sagrada família*, publicada em 1845, é a primeira da parceria Engels e Marx, e foi produzida com o objetivo de assinalar, de uma forma satírica, a ruptura dos autores com a chamada esquerda hegeliana, principalmente os irmãos Bruno e Edgar Bauer, que difundiam suas ideias no periódico *Jornal literário geral* – dirigido por Bruno Bauer. Engels e Marx chegam à conclusão de que os pensadores dessa corrente se colocavam arrogantemente como “portadores da verdade”; e que o conhecimento produzido por este grupo seria abstrato, especulativo e desvinculado da realidade social. Por mais que Bruno Bauer – seu mais destacado pensador – fosse um teólogo crítico, sua crítica teológica estava impregnada de sentido religioso.

O que nós combatemos na Crítica baueriana é justamente a especulação que se reproduz à maneira de caricatura. Ela representa, para nós, a expressão mais acabada do princípio cristão-germânico, que faz sua derradeira tentativa ao transformar a crítica em si numa força transcendental. (Engels e Marx, 2003, [1845], p. 15)

A crítica efetuada por Engels e Marx em *A sagrada família* tem continuidade de uma forma ampliada e aprofundada na obra *A ideologia alemã*, produzida entre 1845 e 1846. Nela, consta que “os jovens-hegelianos criticavam tudo, introduzindo furtivamente representações religiosas por debaixo de tudo ou declarando tudo como algo teológico” (Engels e Marx, 2007 [1846], p. 84). Engels e Marx criticavam os jovens-hegelianos por terem a pretensão de “abalar o mundo”, alegando que suas atividades consistiam em combater as “fraseologias”, mas acabavam por se opor a elas produzindo outras “fraseologias”. Desse modo, afirma Engels e Marx, “essas fraseologias não opõem

nada além de fraseologias, e que, ao combaterem as fraseologias deste mundo, não combatem de modo algum o mundo real existente” (*ibidem*). O caráter de distanciamento da realidade social dos jovens-hegelianos é reiterado pelos fundadores do materialismo histórico ao afirmarem que “a nenhum desses filósofos ocorreu à ideia de perguntar sobre a conexão entre filosofia alemã e a realidade alemã, sobre a conexão de sua crítica com seu próprio meio material” (*ibidem*).

Em *A ideologia alemã*, compreendem a religião como uma atividade humana espiritual, uma forma de consciência, uma ideologia, produzida a partir da vida social dos indivíduos. Neste sentido, “a consciência não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente” (Engels e Marx, 2007 [1846], p. 94). A religião e outras formas de consciência não podem ser explicadas por si mesmas, mas através das condições materiais (“pressupostos reais”) e das respectivas relações sociais historicamente construídas e atreladas a elas. “Não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real” (*ibidem*). As formas de consciência são condicionadas pelas atividades humanas, da “vida Real”, dessa forma, “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (*ibidem*).

Mais tarde, em contexto bem diferente, Engels, a fim de compreender o período revolucionário que sacudiu a Europa entre 1848 e 1850, produz a obra *As guerras camponesas na Alemanha* (1850), que traz toda uma reflexão em torno da situação ambígua entre as ações de caráter revolucionário e a inexistência de “circunstâncias materiais” favoráveis à edificação de um sistema social alternativo. Engels resgata as insurgências camponesas do século XVI e afirma que, diante das derrotas que as forças revolucionárias sofreram recentemente nas agitações de 1848-1850, era “oportuno apresentar de novo as figuras régias, fortes e tenazes da grande guerra camponesa” para então demonstrar que “também o povo alemão tem a sua tradição revolucionária” (Engels, 2010 [1850], p. 37).

Ao refletir sobre esse aspecto, Engels apresenta, pela primeira vez, um conjunto de análises sobre o fenômeno religioso, localizado dentro do campo da sociologia da religião. As reflexões anteriores, até então mencionadas, eram operadas, num primeiro momento, dentro do campo da teologia e da moralidade, e, num segundo momento, por categorias filosóficas. Todavia, todas elas foram fundamentais para o amadurecimento intelectual e científico de Engels, o que lhe permitiu elaborar uma nova abordagem sobre o fenômeno religioso.

A obra *As guerras camponesas na Alemanha* concentra-se nos conflitos camponeses que ocorreram, sobretudo, entre os anos de 1524 e 1525, na Alemanha, e que contaram com a participação direta e decisiva de diversas forças religiosas. Engels analisa uma multiplicidade de fatores, por exemplo, a influência da Igreja Católica no mundo feudal, os movimentos heréticos, o caráter conspiratório das seitas evangélicas, os reformadores, a concepção teológica das lideranças político religiosas, as práticas ascéticas dos movimentos camponeses revolucionários.

Para Engels, durante as guerras camponesas, existiam três grandes forças políticas e religiosas, e cada uma delas representava os interesses particulares das classes sociais vinculadas a elas, a saber: o campo católico, que constituía uma vertente reacionária que defendia os interesses do alto clero (Papa, cardeais, bispos, arcebispos), da

alta nobreza (príncipes, arquiducos, duques, marqueses e condes) e do patriciado das cidades; os luteranos eram, por sua vez, uma corrente moderada e reformadora, representavam a burguesia e a pequena nobreza (viscondes, barões, cavaleiros); e, por último, os anabatistas, que eram aliados do pastor protestante Thomas Münzer, estes eram uma vertente revolucionária que representava os interesses dos camponeses, dos plebeus e do nascente proletariado. Apesar da intensa participação de inúmeras correntes religiosas nos conflitos camponeses, Engels afirma que não se tratava de uma guerra de natureza religiosa, e sim de “interesses materiais e de classe muito positivos e essas guerras foram lutas de classe” (Engels, 2010 [1850], p. 72).

Engels discorda da tese defendida por Wilhelm Zimmermann de que os conflitos camponeses teriam sido engendrados por motivação religiosa. A defesa dessa perspectiva, de acordo com Engels, se baseia nas aparências do fenômeno, pois haveria um descompasso, pouco perceptível, entre “fenômeno” e “aparência do fenômeno”. Portanto, o que teria de fato engendrado os conflitos sociais seriam outros elementos, que eram “menos visíveis”, entre eles, a luta de classes, que para Engels era “uma consequência necessária das condições históricas da vida social” das classes (Engels, 2010 [1850], p. 40). Neste sentido, Engels se propõe a compreender as bases materiais que fomentaram os conflitos, assim como os motivos que o fizeram assumir uma aparência de “guerra religiosa”.

Em *As guerras camponesas*, Engels enfatiza a experiência religiosa dos anabatistas, colocando-a como uma seita que contestava toda a ordem vigente e que propunha a edificação de uma sociedade igualitária, e que seu “programa exigia o estabelecimento imediato do reino de Deus da era milenar de felicidade” (Engels, 2010 [1850], p. 83). Os anabatistas, nesse caso, eram mais do que contestadores da ordem social, eram revolucionários e a religião era seu substrato político. Essa seita foi se agrupando em torno de Thomas Münzer (“teólogo da revolução”), que atuava como agitador político dos camponeses e plebeus. Essa análise foi inovadora, pois reconhece positivamente as contribuições de certas doutrinas e lideranças religiosas na insurreição camponesa no século XVI.

A partir das reflexões sociológicas e históricas de Engels, Ernst Bloch desenvolve, posteriormente, toda uma reflexão sobre a dimensão antecipadora da religião em Münzer. John Rex afirma que Ernst Bloch, “em seu livro sobre Thomas Münzer (1921), [...] vê a revolução anabatista do século XVI como uma pré-figuração daquilo que só em 1917 seria plenamente realizado com a revolução bolchevique” (Rex, 2012, p. 63).

No terceiro artigo de *Revolução e contra-revolução na Alemanha*, intitulado *Os outros Estados alemães*, de setembro de 1851, Engels traz uma interessante análise da relação entre religião e política nos pequenos Estados alemães dos anos de 1840 a 1848. Engels verifica que uma das formas dos opositores se expressarem politicamente era atacando a ortodoxia religiosa nos Estados onde o catolicismo, o protestantismo ou ambos eram “parte essencial do aparelho burocrático do governo”. “Tanto na Prússia quanto nos pequenos Estados, a dificuldade de dar saída à oposição política criou uma espécie de oposição religiosa” (Engels, 2010 [1851], p. 191). Neste sentido, “atacar a ortodoxia protestante ou católica, atacar o clero, era, portanto, fazer um ataque dissimulado ao próprio governo” (*ibidem*, p. 192).

Outro aspecto no bojo dessa análise de Engels é a ideia de que as instituições religiosas, por meio de ações teologicamente orientadas, podem expressar ideias que

circulam num determinado momento. Ao se referir aos movimentos religiosos “Católicos Alemães” e aos “Livres Congregacionalistas”, Engels afirma que ambos “tinham a pretensão de construir [um] grande templo sob cujo teto todos os alemães poderiam se unir; representavam, portanto, numa forma religiosa, outra ideia política do momento: a da unidade alemã” (Engels, 2010 [1851], p. 192-3). O apelo à unidade alemã estava particularmente se espalhando nos pequenos Estados e essa ideia política “tinha sido a expressão mais geral do descontentamento com a ordem de coisas estabelecidas” (*ibidem*, p. 193). A proposta de criação de uma religião comum a todos os alemães era a expressão a nível religioso da ideia de unidade alemã.

### **Engels e a questão político religiosa (1878-1895)**

Em 1886, Engels publica em folhetos separados na revista *Neue Zeit* a obra *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. Em 1888, publica esses textos reunidos em livro e traz como apêndice, nessa edição, o até então inédito as *11 teses sobre Feuerbach*, de autoria de Marx, produzido em 1845. Engels afirma que, “sob certos aspectos”, Feuerbach “representa um elo intermediário entre a filosofia hegeliana e a nossa concepção” (Engels, 1963 [1886], p. 169). Na terceira parte dessa obra, Engels concentra seus esforços na crítica à filosofia da religião de Feuerbach. Afirma que este pensador “não pretende, de forma alguma, suprimir a religião, o que deseja é completá-la” e que “a própria filosofia deve converter-se em religião” (*ibidem*, p. 186). O que Feuerbach apresenta, de acordo com Engels, seria uma “religião do amor”, fundamentada na ideia de que “a religião é a relação sentimental, a relação de coração de homem para homem” (*ibidem*, p. 186-187). Os sentimentos como amizade, compaixão e principalmente o amor seriam, para Feuerbach, a forma suprema de exercer a religião humanista. Em *A essência*, constata que o amor é a mais “elevada essência do homem” e que o “amor do homem pelo homem” deve servir de “ponto de transição da história universal” (Feurbach, 2007, p. 267).

Em sua proposta filosófica antropológica, o “homem” deve ser o centro da nova religião, por meio do estabelecimento de uma relação não mitologizada entre “homem e deus” para, assim, superar a ambivalência dessa relação e subsequentemente a alienação do homem de si mesmo. Em *A essência*, Feuerbach sugere: “basta que invertamos as relações religiosas, que concebamos como fim o que a religião estabelece como meio, que elevemos à questão principal, à causa o que para ela é o subordinado, a questão secundária, a condição, então teremos destruído a ilusão” (*ibidem*, p. 271).

Engels se opõe radicalmente a essa concepção de Feuerbach por compreender que as transformações societárias não ocorrerão pelo “coração do homem e sua necessidade de religião” (Engels, 1963 [1886], p. 188). Engels critica o caráter a-histórico e essencialista, na medida em que entende que os fenômenos humanos, como o Deus cristão, são condensações materiais das experiências humanas que lhe antecederam, ou seja, “o produto de um longo processo de abstração” (*ibidem*, p. 189).

A teoria religiosa e ética em Feuerbach, de acordo com Engels, “serve para todos os tempos, todos os povos e todas as circunstâncias; razão pela qual não é aplicável nunca nem em parte alguma, revelando-se tão impotente frente à realidade como o imperativo categórico de Kant” (Engels, 1963 [1886], p. 192). Engels não analisa a religião a partir de categorias metafísicas, universais, estáticas e abstratas e sim por uma perspectiva sócio-histórica.

Engels, ao mencionar os povos indo-europeus, principalmente os arianos, argumenta que os deuses ligados a determinadas Nações – cada uma com suas singularidades, políticas, econômicas, religiosas e culturais –, cultuados nos limites territoriais de um reinado, tinham sua existência, seu conteúdo e sua forma vinculadas diretamente “às condições de vida correspondentes” (Engels, 1963 [1886], p. 204). Como se tratava de religiões não proselitistas e estritamente nacionais, que tinham suas necessidades religiosas voltadas para operar no interior de um território delimitado, acabavam por desaparecer na medida em que se modificavam radicalmente a base material que lhe dava sentido existencial. “Esses deuses só podiam continuar vivendo na mente dos homens enquanto existisse sua nação, e morriam ao mesmo tempo em que ela desaparecia” (*ibidem*). Isso era totalmente diferente em relação às religiões mundiais e proselitistas, como o cristianismo, o islamismo e o budismo.

Engels também se dedicou a compreender as origens, o desenvolvimento e a expansão do cristianismo a partir da perspectiva do materialismo histórico. Empreendeu uma investigação sobre o denominado “cristianismo primitivo” dos séculos I e II. Essas reflexões encontram-se em uma tríade de estudos, a saber: *Bruno Bauer e o início do cristianismo* (1882), *O livro da revelação* (1883) e *Contribuição à história do cristianismo primitivo* (1895). Conectando-se com a obra *As guerras camponesas na Alemanha*, Engels reafirma a possibilidade de a religião constituir-se como uma força revolucionária, ao compreender que o movimento dos primeiros cristãos dos séculos I e II apresentava propostas políticas e teológicas que afrontavam a dominação do Império Romano.

O socialista alemão, ao destrinchar as particularidades do cristianismo primitivo em seus aspectos teológicos, políticos e organizativos, estabelece um paralelismo entre os primeiros cristãos e os socialistas modernos. Alega que os socialistas modernos estão mais próximos do cristianismo dos primeiros cristãos do que as próprias instituições cristãs, como a Igreja Católica e as denominações protestantes. De acordo com Engels, tanto o cristianismo primitivo quanto o socialismo moderno seriam uma ideologia orgânica das massas, das classes subalternizadas (Ribeiro, 2020). Mais uma vez, Engels atribui valor positivo ao fenômeno religioso, ao reconhecer as primeiras comunidades cristãs como experiências religiosas revolucionárias. Essas investigações tiveram repercussão no campo socialista e influenciaram militantes de outras gerações, como Karl Kautsky, José Carlos Mariátegui e Rosa Luxemburgo.

Engels compreende que uma série de fatores sociais – políticos, religiosos, culturais econômicos, geográficos etc. –, combinados entre si de uma determinada forma, foram decisivos para tornar o cristianismo a primeira religião universal. Ressaltamos, aqui, dois aspectos abordados por Engels: o primeiro seria a própria dominação romana, que teria produzido nos territórios subjugados uma massa de inconformados. Esse fator fez com que grupos, classes sociais e indivíduos aderissem à mensagem do cristianismo porque essa expressão religiosa se oponha ao poder romano. O cristianismo traduziu “em termos de esperança e fé religiosa o descontentamento sinuoso durante séculos contra uma opressão econômica e social” (Donini, 1986, p. 13).

O segundo aspecto não foi desenvolvido propriamente por Engels, mas por Bruno Bauer, no entanto, Engels o incorporou em suas reflexões, que seria a compreensão de que a expansão do cristianismo teria sido favorecida pela fusão entre perspectivas orientais e ocidentais, na confluência entre as culturas greco-romana e judaica,

promovidas em parte pela filosofia do judeu helenizado, Fílon de Alexandria. Este convergia em seu sistema de pensamento, fé e razão, filosofia grega e judaísmo religioso<sup>7</sup>. As noções filonianas, principalmente o *Logos*, contribuíram significativamente para a caracterização do cristianismo, no sentido de despojá-lo de sua fisionomia nacional para ganhar uma feição internacional. De acordo com Engels, os estudos de Bruno Bauer transformaram em lenda a ideia de que o cristianismo teria nascido “integralmente do judaísmo, partindo da Palestina para conquistar o mundo com uma dogmática e uma ética traçada nas suas grandes linhas” (Engels, 2010 [1895], p. 453).

Outros fatores, como o cristianismo deixar de direcionar sua mensagem exclusivamente à comunidade judaica, a concepção de sacrifício universal na morte de Jesus de Nazaré e deus único para toda humanidade, a compreensão teológica de que todos são iguais e teriam vida abundante no pós-morte, entre outros, também foram de suma importância para transformar o cristianismo na primeira religião universal.

Em um prólogo à edição de 1892 da obra *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (1880), Engels faz uma análise interessante sobre os embates entre religião e conhecimento científico. Argumenta que, durante toda a Idade Média, a produção do conhecimento científico estava submetida ao poder clerical de Roma. A Igreja Católica se constituía como “o grande centro internacional do feudalismo” e era “o maior de todos os senhores feudais, pois possuía, pelo menos, a terça parte de toda a propriedade territorial do mundo católico”. Neste sentido, esta instituição conseguia unir “toda a Europa ocidental feudalizada” (Engels, 1999 [1892], p. 30).

Com a ascensão da classe burguesa, a produção do conhecimento científico alcança um novo patamar, pois, para “o desenvolvimento de sua produção industrial”, esta classe necessitava de “uma ciência que investigasse as propriedades dos corpos físicos e o funcionamento das forças naturais”, e com isso “voltava-se a cultivar a astronomia, a mecânica, a física, a anatomia, a fisiologia” (Engels, 1999 [1892], p. 31). “Agora, a ciência se rebelava contra a Igreja” e como “a burguesia precisava da ciência e se lançou com ela na rebelião” (*ibidem*). Com isso, Engels chega à conclusão de que seria a luta de classes – entre a burguesia e o clero – o elemento impulsionador dos conflitos entre religião e ciência que ocorreria no fim da Idade Média e início da era moderna.

Outra reflexão interessante de Engels contida nesse prólogo é a problematização em torno da ideia de que o materialismo seria sempre progressista e a religião seria sempre retrógrada. Engels percebe que o materialismo inglês, que teve em Thomas Hobbes seu maior expoente, era um movimento reacionário, e suas teorias enxergavam na monarquia absolutista a grande gestora da sociedade.

Com Hobbes, essa doutrina [materialismo inglês] apareceu em cena como defensora das prerrogativas e da onipotência reais e convidou a monarquia absoluta a trazer em rédea curta aquele *puer robustus sed malitiosus* [criança robusta, mas maliciosa] que era o povo. (...) a nova forma deísta do materialismo continuava sendo uma doutrina aristocrática, esotérica e, portanto,

<sup>7</sup> As reflexões de Dax Moraes convergem com essa perspectiva. De acordo com esse pesquisador, “a obra do filósofo judeu Fílon de Alexandria pode ser considerada como o marco inicial da teologia bíblica. Ali, encontramos o mais antigo registro conhecido de uma deliberada tentativa de conciliação entre o conteúdo das Escrituras e o pensamento filosófico grego” (Moraes, 2004, p. 25). “Fílon inaugura na tradição filosófica uma nova tendência: a da interpretação filosófica das escrituras” (Moraes, 2017, p. 38-39).

odiada pela burguesia, não só por ser uma heresia religiosa, mas também por suas conexões políticas antiburguesas (*ibidem*, p. 38).

Em suma, o materialismo era uma doutrina deísta, aristocrática e antiburguesa. No que tange ao protestantismo, Engels afirma que eram principalmente as seitas protestantes que haviam fornecido a bandeira e os homens para a luta contra os *Stuarts*, que davam o contingente principal às forças da classe média progressista e que ainda formam a medula do ‘grande partido Liberal’” (*ibidem*)<sup>8</sup>. De acordo com Michael Löwy, Engels rompe

46

com uma visão linear da história da filosofia do esclarecimento, Engels reconhece (...) que a luta entre o materialismo e a religião não corresponde necessariamente àquela entre revolução e contra-revolução, progresso e regresso, liberdade e despotismo, classes dominadas e classes dominantes (...). Neste caso (...) é exatamente o oposto: religião revolucionária versus materialismo absolutista (Löwy, 1997, p. 36).

Engels compreende que a religião não fornecerá mais subsídios para as lutas sociais e que a experiência da Revolução Francesa anunciava essa separação ao se despojar da linguagem religiosa, “travando a batalha no campo político aberto” (Engels, 1999 [1892], p. 39). Essa leitura, porém, não deve ser feita de forma rígida, até as últimas consequências. Engels não descarta a possibilidade de a religião assumir um papel contestador da ordem vigente no futuro – veja o caso ambíguo do Exército da Salvação. Para Engels, a burguesia britânica aceitou a

perigosa ajuda do Exército da Salvação, que veio restaurar os recursos de propaganda do cristianismo primitivo, que se dirige tanto aos pobres como aos eleitos, combatendo o capitalismo a sua maneira religiosa e atijando assim um elemento de luta de classes do cristianismo primitivo, que um bom dia pode chegar a ser fatal para as pessoas ricas que hoje oferecem do seu bolso o dinheiro para essa propaganda (*ibidem*, p. 45-46).

Por mais que as expectativas com relação ao Exército da Salvação não tenham se concretizado, o que sua análise revela é a possibilidade de, no futuro, o cristianismo assumir uma postura radical frente às mazelas sociais, inclusive tendo o cristianismo primitivo como uma referência teológica e política. As suas impressões sobre o Exército da Salvação reforçam sua compreensão sobre o caráter revolucionário dos primeiros cristãos.

A religião é mobilizada pela burguesia como recurso moral na estratégia de dominação e para afugentar “o espantinho das reivindicações operárias” (Engels, 1999 [1892], p. 45), desenvolvendo o que Engels chama de “maquinaria religiosa”, “gastando anos após anos milhares e dezenas de milhares na evangelização das classes baixas” (*ibidem*). O que justifica, inclusive, financiar a “perigosa ajuda” de um grupo religioso que traz à tona a mensagem do cristianismo primitivo, além de entregar a administração da maioria das escolas para autoridades eclesiásticas.

Entusiasmado pelos avanços políticos da época, Engels pontua que, por mais que a religião seja mobilizada para a manutenção da ordem social, ela não poderá servir

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que Engels compreendia que os anabatistas do século XVI adotavam um programa radical que atacava a lógica de funcionamento da sociedade e que propunha novos devires societários, portanto, eram revolucionários.

por muito tempo de “muralha protetora da sociedade capitalista”, pois “não há pregação religiosa capaz de escorar uma sociedade em derrocada” (Engels, 1999 [1892], p. 52). Ressalta ainda que as ideias jurídicas, filosóficas e religiosas desenvolvidas pela classe trabalhadora são “brotos mais próximos ou mais remotos das condições econômicas imperantes numa sociedade dada [futura] (*ibidem*).

No ensaio *A investigação científica no mundo dos espíritos* – elaborado por volta de 1878 –, publicado postumamente em 1898, Engels aborda a influência do espiritismo no universo científico a partir da adesão de alguns destacados pesquisadores, como o zoólogo e botânico Alfred Russell Wallace e o químico William Crookes. Nesse texto, Engels não faz uma análise das particularidades da doutrina espírita e sim das circunstâncias materiais que levavam prestigiados pesquisadores das ciências da natureza à crença no “mundo dos espíritos”.

Ao se debruçar sobre os relatos de experiências publicados por Wallace e Crookes, Engels afirma que estes se orientaram por um “empirismo vulgar”, ignorando elementos materiais importantes no processo de investigação científica, como as “centenas de fatos denunciados como imposturas, bem como dezenas de supostos *médiuns* serem, provavelmente, vulgares mistificadores” (Engels, 1976 [1878], p. 238). Ao proceder dessa forma, passam a enxergar o fenômeno isoladamente, deixando de compreender suas interconexões e toda a sua complexidade, passando, assim, de pesquisadores rigorosos a adeptos acríticos do espiritismo.

Além disso, basearam-se na própria experiência (em si), vivenciada em sessões de mesa giratória e mediunidade para fundamentar suas conclusões científicas acerca da existência de forças extraterrenas. Neste sentido, afirma Engels, “os fenômenos *superiores* apresentam-se imediatamente, quando o *investigador* de que se trata está tão emaranhado em sua trama que só vê o que deve ou aquilo que quer ver” (*ibidem*). A falta de uma metodologia “crítico-cética”, exigida por uma pesquisa científica rigorosa, foi, sem dúvidas, de acordo com o fundador do materialismo histórico, um aspecto favorável para que Crookes, Wallace e outros fossem “inteiramente conquistados” pelo “moderno espiritismo”.

### **Considerações finais**

Procuramos realizar, ao longo do artigo, um breve levantamento das reflexões de Engels em torno do fenômeno religioso no decorrer de sua trajetória intelectual e política; e, paralelamente, apresentar ao leitor alguns aspectos relacionados a sua vida e obra. Verificamos que Engels sempre manteve interesse no debate político sobre o fenômeno religioso, desenvolvendo reflexões acerca do tema em diferentes momentos, mobilizando conhecimentos sociológicos, filosóficos, teológicos, antropológicos, econômico e histórico.

Friedrich Engels não nos deixou uma teoria geral da religião, nem uma definição de religião, todavia, seu legado permitiu que outros pensadores produzissem novas reflexões sobre o fenômeno religioso. Embora, muitas vezes, não seja mencionado, suas ideias estão presentes nas análises sobre religião em inúmeros intelectuais marxistas, como Karl Kautsky, Antonio Labriola, Vladimir Lenin, Rosa Luxemburgo, Nadja Krupskaya, James Connolly, Antônio Gramsci, José Carlos Mariátegui, Georgy Lukács, Luís Carlos Prestes, Ernest Bloch entre outros.

Conhecer as investigações de Engels sobre os fenômenos e fatos religiosos nos permite compreender um pouco mais sobre sua vida, sua obra, seus pensamentos, suas aspirações políticas, suas concepções teóricas, seus conceitos, métodos e categorias, bem como as questões particulares que se apresentavam no seu tempo; e a própria história do socialismo e da teoria marxista. Além disso, abarca uma forma particular de analisar, do ponto de vista sociológico, histórico, político e filosófico, a questão religiosa e, assim, encontrar elementos analíticos diversos que nos ajude a refletir sobre a relação entre religião e política na atualidade.

## Referências

- COGGIOLA, Osvaldo. *Engels, o segundo violino*. São Paulo: Xamã, 1995.
- DONINI, Ambrogio. “Prefazione”. In: ENGELS, Friedrich. *Sulle Origine del Cristianesimo*. Roma: Riuniti 1986, pp. 07-13.
- ENGELS, Friedrich. “Letters from Wuppertal”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Marx Engels Collected Works* (MECW). Vol. 2. 1838-1842. Londres: Lawrence & Wishart, 2010 [1839], pp. 07-25.
- ENGELS, Friedrich. “Immermann's memorabilien”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Marx Engels Collected Works* (MECW). Vol. 2. 1838-1842. Londres: Lawrence & Wishart, 2010 [1841] a, pp. 161-169.
- ENGELS, Friedrich. “Schelling on Hegel”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Marx Engels Collected Works* (MECW). Vol. 2. 1838-1842. Londres: Lawrence & Wishart, 2010 [1841] b, pp. 181-187.
- ENGELS, Friedrich. “Schelling and revelation”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Marx Engels Collected Works* (MECW). Vol. 2. 1838-1842. Londres: Lawrence & Wishart, 2010 [1841/1842], pp. 193-240.
- ENGELS, Friedrich. “The insolently threatened yet miraculously rescued bible”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Marx Engels collected Works* (MECW) V. 2. 1838-1842. Londres: Lawrence & Wishart, 2010 [1842], pp. 313-351.
- ENGELS, Friedrich. “Outlines of a Critique of Political Economy”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Marx Engels Collected Works* (MECW). Vol. 3. 1843-1844. Londres: Lawrence & Wishart, 2010 [1844], pp. 418-443.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010 [1844/1845].
- ENGELS, Friedrich. & MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007 [1846].
- ENGELS, Friedrich. & MARX, Karl. *A sagrada família: ou a crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes*. São Paulo: Boitempo, 2003 [1845].
- ENGELS, Friedrich. “As guerras camponesas na Alemanha”. In: ENGELS, Friedrich. *A revolução antes da revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2010 [1850], pp. 35-159.
- ENGELS, Friedrich. “Revolução e contra-revolução na Alemanha”. In: ENGELS, Friedrich. *A revolução antes da revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2010 [1851-1852], pp. 162-308.
- ENGELS, Friedrich. “A investigação científica no mundo dos espíritos [1878]”. In: ENGELS, Friedrich. *Dialética da natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 [1872/1882], pp. 229-238.
- ENGELS, Friedrich. “Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã”. *Obras escolhidas*. v. 03. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1963 [1886], pp. 171-207.
- ENGELS, Friedrich. Prólogo à edição inglesa [1892]. *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (versão digital). Ridendo Castigat Mores, 1999 [1880], pp. 11-55.
- ENGELS, Friedrich. “On the History of Early Christianity”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Marx Engels Collected Works* (MECW). V. 27. 1890-1895. Londres: Lawrence & Wishart, 2010 [1895], pp. 445-469.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

- 50
- GORENDER, Jacob. “Apresentação”. In: MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013 [1867], pp 14-34.
- HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna*. v. 1 (1818-1841). São Paulo: Boitempo, 2018.
- HUNT, Tristram. *Comunista de casaca: a vida revolucionária de Friedrich Engels*. São Paulo: Record, 2010.
- INSTITUTO de Marxismo-Leninismo do CC-PCUS. *Friedrich Engels: biografia*. Lisboa: Edições Avante!, 1986.
- LÖWY, Michael. Friedrich Engels et la religion. Georges Labica, Georges; Mireille Delbraccio, *Friedrich Engels, Savant et Revolutionnaire*. Paris: Puf, 1997, pp. 29-39.
- LÖWY, Michael. *Engels como sociólogo da Religião* (Curso/aula 02), 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cXzd57sYOg4>>. Acesso em: 05/02/2019.
- MARX, Karl. “Introduction to the French edition of Engels' socialism: utopian and scientific”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Marx Engels Collected Works* (MECW). V. 24. 1874-1883. Londres: Ed. Lawrence & Wishart, 2010 [1880], pp. 335-339.
- MAYER, Gustav. *Friedrich Engels: uma biografia*. Fondo de Cultura econômica: Cidade do México, Madri, Buenos Aires, 1979.
- MORAES, Dax. “Logos eterno e Logos perpétuo em Fílon de Alexandria”. *Revista Ideias*. Campinas, n. 11, v. 2, 2004, pp. 25-38.
- MORAES, Dax. *O logos em Fílon de Alexandria: a fronteira entre o pensamento grego e o pensamento cristão nas origens da teologia bíblica*. Natal: EDUFRN, 2017.
- PETROVIC, Gajo. “Alienação” (verbete). In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, pp. 18-25.
- REX, John. “Bloch, Ernest” (verbete). In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, pp. 62-63.
- RIBEIRO, Wallace Cabral. *Religião, política e luta de classes: as reflexões de Friedrich Engels sobre o fenômeno religioso*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/13792/1/Disserta%20c3%a7%c3%a3o%20FINAL%20-%20Wallace%20Cabral%20Ribeiro.pdf>>. Acesso em: 24/08/2020.
- ROGGERONE, Santiago. “El joven Engels y el comienzo del materialismo histórico”. *Hic Rhodus. Crisis capitalista, polémica y controversias*, n. 05, pp. 15-27, 2013. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Argentina/iigguaba/20140625070826/396-1477-1-PB.pdf>>. Acesso em: 26/07/2019.
- SILVA, Ludovico. *O estilo literário de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

SILVA, Elizete da. “Engels e a abordagem científica da religião”. *In*: MOURA, Mauro Castelo Branco de *et al* (orgs.), *Friedrich Engels e a ciência contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 171-188.

Recebido em 02 de setembro de 2021

Aprovado em 21 de fevereiro de 2022